

UNIBRASIL 
ACADEMIA 


MAL-ESTAR, SOFRIMENTO E SINTOMA NA CONTEMPORANEIDADE

RESUMO:

Christian Dunker, durante a palestra Por uma Psicopatologia Crítica, efetuou questionamentos sobre os modos de diagnóstico em saúde mental e argumentou que, por detrás dos sintomas, existe um sujeito singular, em sofrimento, necessitando encontrar maneiras de simbolizá-lo. Christian declara que a história brasileira seguiu o caminho de despolitizar o sofrimento, medicalizar o mal-estar e condominializar o sintoma. Sugere, portanto, a compreensão do sofrimento psíquico na interface com a experiência social.

AUTORES:

*Dulce Mara Gaio –
Professora do UniBrasil
Centro Universitário*

*Graciela Sanjutá Soares
Faria – Professora e
Coordenadora do curso de
Psicologia do UniBrasil
Centro Universitário*

Christian Ingo Lenz Dunker esteve no Unibrasil, no dia 12/8, como parte do Projeto Academia Unibrasil, e a convite do curso de Psicologia. O pesquisador é psicanalista e professor titular do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) e coordena, ao lado de Vladimir Safatle e Nelson da Silva Jr., o Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise da USP.

Ficou muito marcada na sua passagem pela instituição a disponibilidade para o outro, o bom humor e a simplicidade com a qual consegue tratar temas tão abstratos e complexos, conforme relato dos próprios estudantes de Psicologia. Foi fácil observar o seu coração e raiz epistemológica fora do condomínio, conforme a metáfora criada por ele mesmo, concretizados no fato de conseguir congrega para escutá-lo pessoas de diversas Escolas da Psicanálise.

Em sua palestra, Por uma Psicopatologia Crítica, Christian Dunker usou a metáfora da Vida em Condomínio, desenvolvida para o seu novo livro Mal-estar, Sofrimento e Sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros, para retratar as relações sociais contemporâneas em suas nuances de insegurança, dificuldade de estar com o outro e solidão, assim como os significados que podem adquirir para o sujeito em termos de mal-estar, sofrimento e sintomas.

O autor instiga a questionamentos sobre os modelos tradicionais para diagnósticos em Saúde Mental pautados no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) ou na Classificação Internacional de Doenças (CID), uma vez que, numa época pautada por uma racionalidade diagnóstica, essa psicopatologia pretende atender ao ideal de responder a tudo que não se adequa e onde toda forma de loucura deverá estar prescrita.



UNIBRASIL



“Apenas 5% da população ficaria fora do DSM V... e estes seriam meio chatos”, adverte zombeteiramente. É necessário renovar o entendimento do patológico e do diagnóstico, e assim Christian Dunker propõe a passagem de uma perspectiva de diagnóstico para a de diagnóstica, ou seja, “tomar o diagnóstico não apenas como o ato de nomeação clínica de uma condição de adoecimento, mas como uma diagnóstica reconstrução de uma forma de vida e como resposta ética ao mal estar”.

Ele destaca que o sofrimento, além de necessário para que possamos nos desenvolver como pessoa, pode ser melhor compreendido a partir da reconstrução de seu vínculo com a experiência social, e que vai muito além do exposto na descrição das categorias de sintomas nas classificações diagnósticas ou, dito de outro modo e de forma mais certa, diversos conflitos e sofrimentos são vividos justamente em razão dos enquadramentos e classificações sociais.

Para apresentar a experiência brasileira com a conversão do mal-estar (“que resiste à vagueza de sua nomeação”) ao sofrimento (que “se partilha e é função direta dos atos de reconhecimento que o determinam como tal”), Christian Dunker se vale da metáfora da Vida em Condomínio porque, determinado pela narrativa, o sofrimento terá que se avir com sistemas discursivos nos quais se inclui ou dos quais se exclui. Os muros dos condomínios, fronteiras entre o dentro e o fora, o bom e o mau, entre nós e eles, retratam bem e resultam, eles também, dessas operações discursivas.

Ele comenta que em um primeiro momento, ao entrar em um condomínio residencial de alto padrão, como o Alphaville, aparecem

sentimentos apaziguadores de segurança e ordem. Nele o espaço é homogêneo, as casas sem cerca, a lei está presente, representada pelo síndico, bem como a polícia, por meio dos seguranças. O condomínio retrata um sonho comum de consumo, ideal de felicidade, e supostamente é um lugar possível para uma convivência livre em comunidade somente com os iguais.

Apesar da grande área coletiva de convivência nos condomínios, as áreas de espaço comum de fato utilizadas são as do playground, onde as babás circulam com as crianças. Estão estabelecidos lugares distintos para circulação e convivência de serviçais e moradores. Além disso, para o morador ter acesso aos serviços, é preciso sair dos muros do condomínio e, assim, algo escapa ao esperado. Essa forma de vida inventada é retratada reiteradamente, como: “de mau gosto, investida de artificialidade, superficialidade e esvaziamento”. O autor comenta sobre o surgimento dos crimes no condomínio em situações de infração de trânsito, uso de drogas e conflitos com vizinhos, e uma compulsão legislativa na gestão, o que restringe muito a liberdade dos sujeitos. O escritor chega a comparar a Vida em Condomínio com a vida nos grandes hospitais psiquiátricos com a marca da “pobreza, os sinais aparentes de loucura e um modo de vida perdido”.

Sua proposição é de que a Vida em Condomínio “centraliza e caracteriza uma unidade contemporânea de inserção do nosso mal estar no capitalismo à brasileira.” Nela aparece o aprisionamento entre muros, o síndico como gestor, o reconhecimento do sofrimento e a experiência de determinação e de indeterminação que cerca o mal-estar. Christian

Dunker discute a Lógica do Condomínio, como o reducionismo dos problemas de saúde a apenas problemas de gestão e como um sintoma da modernidade brasileira, cujo impacto é repetir “de maneira atualizada o impasse entre a apreensão falsamente universal de um particular e uma apreensão falsamente particular de um universal”.

Ao retratar a Psicopatologia do Social, o pesquisador apresenta exemplos de particularidades culturais na vivência da patologia mental, a destacar a Koro, entre a população do sudeste Asiático, que se caracteriza pela forte sensação de que o genital masculino está se retraindo para dentro do corpo. Esses transtornos culturais particulares, contudo, são cada vez menos observados. Christian Dunker menciona que as narrativas de queixa e os discursos de sofrimento estão ficando cada vez mais parecidos entre si. “Os diagnósticos se trivializam em escala de massa e se distribuem por atacado, do popular ao erudito: depressão, estresse, baixa autoestima, ansiedade, falta de limite”. Os sujeitos têm sido ensinados sobre como amar e até sobre como sofrer.

Ele complementa que “o encurtamento ou a condensação das formas de linguagem que a pós-modernidade reserva ao sofrimento parece ter redundado também em redução da extensão e em mutação na qualidade da queixa, sob a qual opera o diagnóstico”. Nesse sentido, comenta sobre as novas patologias que partem do “déficit narrativo, na incapacidade de contar história de um sofrimento e na redução do mal-estar à dor sensorial”.

E muito mais ouvimos de Christian Dunker. Inclusive sobre os muros invisíveis, tais como os dos shoppings centers, nos quais as desigualdades sociais operam do mesmo modo. Entretanto, Freud, no magistral Totem e Tabu, que narra a origem da civilização, revela a exogamia como sua condição necessária, pois é, no regime de trocas, que se consolidam as leis, a Lei, e onde “vou descobrindo quem sou a partir do que o outro me diz”. Assim, a Psicanálise que não é afeita a fazer propostas de modos de vida, mas a retirar os excessos “deveria ser”, pode, aos moldes dos araweté, se dispor ao encontro com o outro no que comporta de indefinição identitária e uma indeterminação que é experiência e não conjectura.

Christian Dunker alertou que é imprescindível uma mudança no paradigma do sofrimento e que a diagnóstica exige direção ética de manter as perguntas ativas e a abertura da clareira onde o outro possa responder ao apelo da narrativa. Ele encantou docentes e estudantes com a óbvia novidade de que o sofrimento muda conforme o outro o reconhece ou não. Mais ainda se aprende com os araweté que por dias prestam atenção à onça capturada para saberem de si. Assim, é tempo, por exemplo, de revisitar os CAPS: Centro de Atenção Psicossocial que, diferentemente dos manicômios, aboliram os muros físicos e buscam, no dispensar atenção ao outro e no reconhecer e devidamente considerar a interface psicossocial, abolir também os muros invisíveis de nossos condomínios.